

# LUGARES DA NATUREZA

# **LUGARES DA NATUREZA**



*Fazer arte é um ato de observação.*

Robert Smithson



**SOPHIA DE SOUZA CARVALHO**

# **LUGARES DA NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Artes Visuais na Habilitação de Artes Gráficas  
da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito à  
obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora Prof. Brígida Campbell

**BELO HORIZONTE  
OUTONO/2019**



Minha família, pelos valores  
Henrique e Helen, pela irmandade  
May e Cami, pela amizade e empoderamento  
Raquel, pelo amparo  
Colegas com quem convivi, pelas trocas  
Professores da Belas, pelos ensinamentos  
Brígida, especialmente, pelas conversas e inspirações

Gratidão!



Essa escrita, verde, cresce um pouco toda vez que um ar condicionado é desligado para que uma janela se abra ou sempre quando uma gota cai no chão e não escorre pelo asfalto, mas adentra a terra. A escrita vive e é cuidada. As palavras formam um matagal e o caminho quase desaparece. Soubesse da dificuldade de construir o caminho que somos, não teria plantado tanto. Se o equilíbrio entre podas e regas seguisse apenas a lua e o sol, aprenderia sobre a lua e sol, vibraria a cada novo broto, enxergaria com clareza a estrada, entenderia melhor cada sentença. Mas essa escrita, verde, não depende apenas dos astros. É com afeto que sua seiva corre e sua raiz ramifica. Ela rompe com a semântica da língua porque não diz respeito às coisas visíveis. Ela é *ficção*<sup>1</sup>. E assumindo esse estado, as palavras mostram o que não é visto, relacionam o que não estava relacionado e constroem pontes entre o que é e o que aparenta ser.

Disseram que viver dessa forma fictícia é trabalhar realizando *dissensos*<sup>2</sup>. Explicaram que a política e a arte são formas de dissenso porque reconfiguram e redesenham o espaço das coisas comuns. Se engana quem pensa em política apenas como exercício ou luta pelo poder. Se engana quem pensa que a *eficácia da arte está no ato de transmitir mensagens, dar modelos de comportamento, ou que ensina a criar representações*<sup>3</sup>. Arte e política narram a vida, e são o arado para o cultivo dessa escrita (às vezes jardim, às vezes selva).

1. "Ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. É o trabalho que realiza dissensos". RANCIERE, Jacques. Paradoxos da Arte Política. In.: O espectador emancipado/ tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 64.

2. "Dissenso não é o conflito de ideias ou sentimentos. É o conflito de vários regimes de sensorialidade". RANCIERE, 2012, p. 59.

3. RANCIERE, 2012, p. 55.



**PLANTIO**

**GERMINAÇÃO**

**CRESCIMENTO**

**COLHEITA**

# PLANTIO

Carrego em mim um broto  
uma espécie que já cresce em várias pessoas  
e que cada uma plantou em si mesma  
andando nas ruas  
vivendo a cidade  
*[como lugar  
de trânsito  
e também de experiência].<sup>4</sup>*

Vendo  
movimentos verticais  
horizontais, circulares  
subidas e descidas.  
Imaginando  
a volta dos muros baixos  
as ciclovias em todas as regiões  
os rios limpos e descobertos  
as praças cuidadas e ocupadas  
os alimentos frescos  
as margens em harmonia com os centros  
o fim da luta  
entre cidade e natureza.

Essas pessoas estão reunidas aqui,

4. CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. Tradução para o inglês Valéria Sarsure Pedro Vieira - São Paulo: Invisíveis Produções, 2015, p. 24

tratadas como em uma conversa  
porque  
nessa troca  
me ajudam a construir  
perceber  
e entender  
os lugares da natureza e  
as naturezas da cidade  
através de uma  
*geografia da experiência.*<sup>5</sup>  
Falamos de terra  
água  
alimento  
jardins  
da construção de paisagens  
de cidades humanizadas  
e Felicidade Interna Bruta.  
Tudo isso existe nas rotinas  
mesmo que não se fale muito  
nem que se veja muito  
porque as distrações do dia  
desviam o olhar para as telas.

5. MARQUEZ, Renata.  
Imagens da natureza.  
In.: Saberes Ambientais:  
desafios para o  
conhecimento disciplinar.  
Belo Horizonte: Editora  
UFMG, 2008, p.4.

A cidade corre  
porque precisa funcionar  
e ser espaço  
para que pessoas também funcionem.  
Quando anda  
se preenche de atividades  
não-obrigatórias:  
festa no viaduto  
yoga na praça  
corridas coletivas  
cineminha à luz da lua.  
Toda cidade que tenta  
andar atenta e com calma  
tem dessas coisas.  
Às vezes nos reconhecemos  
nesses espaços urbanos.  
Às vezes não.  
Às vezes  
nem eles mesmos se reconhecem  
porque não estão em harmonia  
com suas *vocações*.<sup>6</sup>  
Podem existir outros lugares,  
extremos opostos.

6. A jornalista Natália Garcia idealizadora do projeto Cidade Para Pessoas ([www.cidadesparapessoas.com](http://www.cidadesparapessoas.com)) usa o termo associando-o às características que as cidades possuem como clima, relevo, etc. no Coemergência podcast #11.

Espaços rurais,  
campos sem asfalto.  
Lá não se trabalha  
sentado em cadeira  
o dia todo.  
Lá  
algumas coisas demoram a chegar  
outras não chegam  
outras não querem que chegue.  
Os problemas são diferentes.  
O ar mais limpo.  
De lá  
muito sai e vem parar aqui,  
e a estrada  
não precisa ser grande  
porque podem existir  
*entre-lugares*.<sup>7</sup>  
Para isso  
deram nome:  
campos-cidade  
e pensaram em modelos  
*progressista*<sup>8</sup> e *culturalista*.<sup>9</sup>  
Teve quem falou em

7. GANZ, Louise. Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015, p. 69.

8. "Indivíduo humano como um tipo independente de todas as contingências e diferenças de lugares e tempo..." GANZ, 2015, p. 69.

9. "Indivíduo em suas particularidades e originalidade própria, nas quais cada membro da comunidade constitui um elemento insubstituível". GANZ, 2015, p. 70.

10. Ebenezer Howard, pré-urbanista inglês, é o criador desse termo.

11. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-record/videos/belo-horizonte-teve-32-arvores-cortadas-por-dia-em-2019-18062019>> Acesso em: 19 jun. 2019.

12. “A mobilização da sociedade civil diante do iminente ecocídio fez nascer um movimento em prol da floresta urbana em Belo Horizonte. O Movimento Fica Ficus reuniu pessoas dos mais variados segmentos a fim de pensar uma nova forma de ver a cidade integrada com a natureza” CARVALHO, Bárbara; LOPES, Myriam Bahia; OLIVEIRA, Michel Montandon de. Fica Ficus. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, sem número, 07 mai. 2015. <<https://piseagrama.org/ficus>>.

*ciudades-jardim*<sup>10</sup> e

não por coincidência

aqui já teve essa fama

porque lá atrás

tentaram planejar uma cidade

não só

urbano-industrial.

Ontem no jornal a manchete foi esta:

*Belo Horizonte teve 32 árvores cortadas por dia em 2019.*<sup>11</sup>

Ainda é junho.

Não demora ser preciso

novas redes

no estilo *Fica ficus*.<sup>12</sup>

Fica quaresmeiras

Fica ipês

Fica sibipirunas.

E tem de ficar porque

uma cidade viva não cresce

na cultura do asfalto.

Arquitetar

imaginários urbanos

tem a ver com

praticar auto-gestão,

fortalecer a esfera pública,  
entender a cidade  
como polis,  
como processo  
[permeável e habitável].

Tem a ver com  
produzir  
inspirações para mudanças  
como  
*adotar o verde*,<sup>13</sup>  
urgência e  
necessidade.

Comigo  
o broto tem crescido saudável.  
Mesmo que em duas casas  
a semente eu sempre carreguei  
e pra não ter que escolher onde deixar  
foi que plantei em mim.  
Quero poder habitar  
todo espaço  
que eu estiver

13. Projeto da prefeitura de Belo Horizonte “Adote o verde” que tem como objetivo viabilizar a implantação e, principalmente, a manutenção de parques, praças, jardins, canteiros centrais de avenidas e demais áreas verdes públicas da cidade.

































I

Não consigo lembrar da primeira vez que o vi. Talvez estivesse escondido no meio do capim alto que já poderia ter sido cortado. Nunca soube seu sobrenome, como chegou ali, nem o que esperava dali além de casa, comida e uns trocados com algum trabalho que precisasse ser feito. Não tenho certeza se era mesmo um homem, ou um bicho, ou até alguma planta que pode passar despercebida ao olhar desatento. É certo que, nos últimos anos, ele viveu naquele lugar e é possível contar nos dedos as vezes que precisou sair por algum compromisso.

Sobrevivia a base de frutas do seu quintal, verduras e legumes da sua horta e de um pequeno estoque de pacotes de macarrão. Não comia carne. Culpava a mudança de fase da lua quando sentia alguma dor no corpo. Conhecia cada espécie daquele pedaço de terra por seus apelidos, e não por seus nomes científicos. Não costumava lavar suas poucas roupas, nem a tomar banho dentro do seu banheiro. Acordava antes do sol e dormia junto com ele. Via as nascentes brotarem e secarem com o passar das estações. Fabricava cruzinhas com pequenas varetas e as penduravam em todo canto, como uma espécie de proteção. Conversava com os animais e cuidava, especialmente, de sua cadela, sua gata, seu boi e de um passarinho preto que aparecia todo dia procurando farelos de alguma coisa. Respeitava seu meio e acho que também era respeitado.

Essa vida bastava. Sem esposa, sem filhos, sem parentes. Tão isolada de gente, mas tão cheia de natureza. Essa vida de desapego que era vivida com tranquilidade e sem grandes expectativas. Conversávamos sobre como seria quando fosse embora, se estaria sozinho quando deixasse esse mundo e de que modo o ciclo natural da vida aconteceria para ele. Um dia sentiu mal e dessa vez resolveu ir ao médico. Tomou seu melhor banho, vestiu sua calça mais limpa, penteou os cabelos já brancos e colocou no bolso da camisa uma das suas cruzinhas. Se despediu das árvores, dos bichos e nunca mais voltou.

Não consigo lembrar da primeira vez que o vi mas me lembro da última. Pensei que, se fosse possível, o lugar ideal para sua despedida seria naquele casebre, ao redor das plantas e dos animais, os que mais sentiriam sua falta. Mais do que nunca, ele que já era natureza, se transformaria de tal maneira que agora eu já não consigo dizer se é um homem, um bicho ou uma planta. Aquele lugar que era seu também já se transformou. Os últimos pés de alface plantados por ele estão sendo colhidos e outros serão plantados. As árvores estão com brotos novos e o capim precisa ser cortado.

# GERMINAÇÃO

Existe vegetação no meio do concreto.

Ela resiste

insiste em viver

ocupar as praças, ruas, varandas de prédios

rachaduras das calçadas e muros.

Tem verde de grama

que engana,

quem passa

acha que é da natureza

e respeita a placa

“não pise”.

Nem em Brasília os meninos puderam jogar bola

nas enormes áreas gramadas,

campos perfeitos.

Nos taludes

rotatórias

trevos

o tapete verde público

como estratégia paisagística

esconde a terra

[e cria a ilusão de que ela não existe]

*controla a diversidade*

*biológica e social*

*esteriliza as relações*

*entre*

*humanos e espaços.*<sup>15</sup>

Nasce por todo lado

mas é vendida

em sistema big roll

no mercado da grama.

Tem lugar

gastando mais água

com grama de jardim

do que aguando

monoculturas de milho.

Nem precisa ter grama,

necessariamente,

porque tem gente

que também rega

calçada de cimento.

O verde de plantas silvestres

a flora da cidade

não esconde

sua instabilidade.

15. CANÇADO, Wellington.

Contra a grama.

PISEAGRAMA, Belo

Horizonte, número 06,

página 38 - 40, 2013.

A dispersão pelo vento  
 O acaso do pouso  
 A espera para se tornar manifesta  
*As silhuetas urbanas*<sup>16</sup>  
 como expressões de resiliência.  
 Às vezes  
 o habitat natural de uma planta  
 é mesmo a rua,  
*como a ameixeira de Daniel*<sup>17</sup>  
 que não se estabeleceu em floresta  
 mas prosperou  
 como planta selvagem  
 no tecido urbano.  
 Uma sugestão de Louise:  
 “Ao invés de plantar árvores  
 em caixas de concreto  
 para criar praças públicas,  
 poderiam ser elaboradas paisagens com  
 vegetação nativa”.<sup>18</sup>  
 Poderiam ser construídos  
*jardins em movimento*<sup>19</sup>  
 com crescimento espontâneo

16. Daniel Mason, em Cidade das Sementes, explica o termo como: “um tronco diminuído com galhos principais mais largos que avançaram quando o ar se tornou melhor.” MASON, Daniel. Cidade de sementes. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 06 - 09, 2013.

17. MANSON, 2013.

18. GANZ, 2015, p. 75.

19. Conceito criado pelo paisagista e agrônomo francês Gilles Clément.

mistura de espécies  
interações verdadeiras.  
Para este jardineiro:  
observar e interpretar  
com respeito  
seu ambiente de trabalho.  
Mas parece que o homem  
tem medo de  
descontrole.  
Domestica a natureza  
e cria outro tipo de jardim.  
Microecologia produzida  
em ambiente  
não-natural.  
Uma beleza ideal  
limpa e ordenada  
verdadeiros trabalhos de arte  
para certa época.  
Hoje  
natureza arte e homem  
se unem  
em espaços de convívio

por questões de segunda natureza,  
políticas do agora.  
Os fluxos vegetais  
e os fluxos urbanos  
se misturam  
e a cidade vira  
ecossistema.

# MAPA VEGETAL

Este trabalho é uma construção de módulos que constituem a flora urbana, destacando suas espécies, cores e tamanhos. A via para essa construção acontece através da caminhada e volta completa por determinado quarteirão e coleta de uma amostra das plantas que vivem nele. Esse conjunto logo vai se modificando, as folhas secam, as flores murcham e para que a construção do módulo seja fiel ao dia da coleta, todo material é rapidamente digitalizado e organizado por colagens. O trabalho indica como a cidade se encontra (botanicamente) em determinada época do ano, como diferentes áreas contém proporções diferentes de vegetação e quais são elas. Possibilita também o pensamento sobre como isso pode refletir na comunidade que convive e transita por esses elementos da cidade. A série são posters impressos em formato A2 com as imagens das folhas/flores coletadas posicionadas e organizadas de acordo com sua localização na calçada. O nome das ruas que formam esses quarteirões também aparecem na imagem e são referências de onde o trabalho começou a acontecer.





Bernardo Guimarães

Paraíba

Afonso Pena



Gonçalves Dias

Rio Grande do Norte



Inconfidentes

Paraíba



Santa Rita Durão

Rio Grande do Norte







Lindolfo de Azevedo



Araraquara

Joaquim Nabuco

João Caetano



Gordiano



Pampas



Platina

Diabase



Mte Lucas



Alfenas

Cabo Verde

## II

Quando um passarinho pediu para o irmão de *Manoel*<sup>20</sup> ser árvore, ele contou que, sendo árvore, seu irmão aprendera sobre o sol, o céu e a lua. Essa sensação de não andar para os lados pode forçar a vista para outros lugares e, talvez por isso, árvore ande para cima e conheça melhor as coisas do alto. Envergar seus galhos pode ser uma tentativa de dar passos fora do chão. Dançar com o vento provavelmente seja o modo mais rápido de se movimentar. E se o vento for demais, pode ser que, despir-se de folhas não seja motivo de constrangimento mas uma vontade de ir longe, mesmo que não por inteira, mas por incontáveis frações de si mesma.

Na experiência de ser árvore, é preciso conversar com a natureza e entender em qual velocidade ela caminha. É esperar que Deus mande chuva, que o sol não seja forte demais, e que, oferecendo fruto, algum bicho carregue semente em troca. Só quem vive por algum momento em estado de árvore, consegue perceber que, se por um lado é a raiz a responsável pela imobilidade do corpo, ela mesma vive em trânsito, se desdobra, entranha por terra a dentro e, como se desafiasse leis físicas, distribui toda a água necessária para os outros membros.

Para os que desejam essa condição arbórea, é importante saber onde brotar. Se por acaso acontecer ao lado de um edifício, que fique claro: a competição é frustrante. Não se pode crescer plantas como crescem prédios. Fato é que, para aquelas que vivem nesse ambiente, vira passatempo se alongar o mais perto possível da janela de algum andar e observar um outro

20. Esse texto é um diálogo com algumas poesias de Manoel de Barros em *O guardador de águas*, 2009.

tempo, o tempo das rotinas. Germinar na cidade (ou mudar para a cidade) exige, também, várias regras: há que se medir distâncias em cada passeio; é preferível ter folhas firmes, para que ninguém reclame de nenhuma sujeira no asfalto; não se pode incomodar fios de poste porque em caso de escolha, eles são preferência.

Ser árvore, ainda que na cidade, é como privilégio. Na sociedade das plantas, outras “classes” também vivem e eu poderia citar inúmeras realidades “naturais”. Árvores de parques, árvores de beira de estrada, plantas de canteiro central ou passeio, mato de rachadura, plantas de canto da sala, mesa de centro ou aquário, jardins verticais, hortas em vaso, arranjos de festa, flores de plástico...

Não me surpreende que o irmão de Manoel tenha sido árvore. Ele próprio, quando menino, vivendo com os bichos, o sol, o rio e as plantas, tentou desregular a natureza. Conseguiu através da palavra. Foi *Larrosa*<sup>21</sup> quem falou da importância de fazermos coisas com as palavras, de dar sentido ao que somos e ao que nos acontece por meio de nomenclaturas. Manoel, desregulando a natureza, criou sua própria. Criou sapos, formigas e viveu pedras. Sentiu a água chover em sua palavra e via a natureza “como quem a veste”. Eu a vejo como se me vestisse, mas minha roupa não é a mesma do irmão de Manoel. Minha roupa é feita de Cerrado.

21. BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n° 19. Espanha: Universidad De Barcelona, 2002.

# CRESCIMENTO

Os processos e produtos  
da natureza  
agora são  
mercadoria.  
Vende-se:  
insumo para biotecnologia,  
água e ar purificado,  
polinização,  
solo nutriente para agricultura.

O preço da terra  
pode até chegar em  
um número preciso.

O valor não.

Nem as *cotas de reserva ambiental*<sup>22</sup>

que dizem  
repor as perdas  
conseguem comparar  
valor natural de um local e  
valor natural de outro local.

O mercado da natureza  
já pensa  
os habitats de espécies ameaçadas

22. As cotas são títulos que equivalem a áreas com cobertura natural que excedem à Reserva Legal (RL) de uma propriedade e que podem ser usadas para compensar o déficit de RL de outra.

sob forma de  
ações da bolsa.  
Etiquetas de preço  
transformadas em proteção.  
O mercado da natureza  
já inventa  
maneiras de acelerar o tempo,  
adaptar  
de acordo com suas  
necessidades.  
Cria  
o que chama de  
florestas,  
verdadeiros  
*desertos verdes*.<sup>23</sup>  
Parece que essa cor  
resolve problema.  
Não se engane.  
A mesma economia que  
“humaniza”  
“igual” e  
“reduz riscos”,

23. Áreas de pastagem e monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose .

apropria e negocia

por contrato.

Novas cadeias globais de commodities.

Randolpho profetizou:

*MST sai em cruzada nacional e faz a reforma agrária  
com as próprias mãos [em 2021].<sup>24</sup>*

A utopia da terra

redistribuída e

ocupada

[realizando sua função social]

é imaginário coletivo para

paisagens-casa.

Se acostumar com a perda dos lugares

não pode ser

ficar sem lugar.

Significa admitir

a transitoriedade e os

movimentos cíclicos

da natureza.

Pensar nos caminhos que ela percorre

e nos sistemas

em que está inserida.

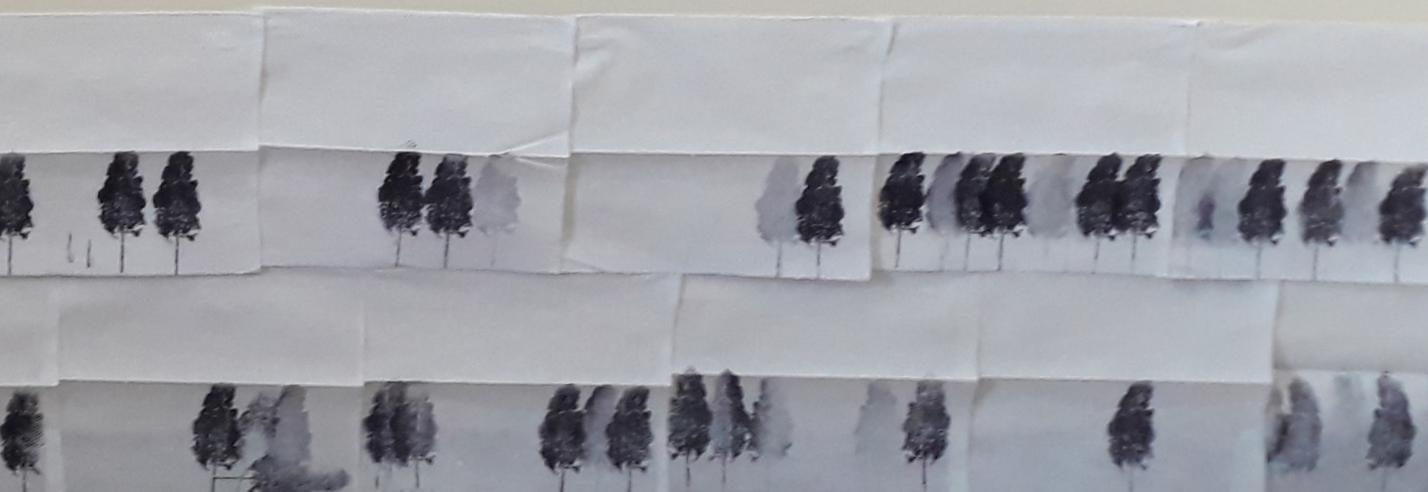
24. Randolpho Lamonier no  
trabalho Profecias, 2018.

O que eu vejo não é  
permanente.  
O que eu uso não é  
etapa final.  
É por isso que  
a cultura de consumo de  
paisagens  
ilude o turista que  
paga pra ver  
o que não tem dono  
e que talvez vê  
o que nem é tão natural assim  
mesma vista  
em todas as férias.

# CALIPAL

O papel vive na cidade. Papel-suporte para escrita, papel-limpeza, papel-secagem, papel-embalagem, papel-impressão, papel-decoração. Cada um feito para seu tipo de uso, com tiragem, gramatura e habitação específicas. É no campo onde existe fartura de materiais para a produção de papéis: fibras finas, longas, das mais diferentes espécies, cores e possíveis texturas. O papel toalha vive na cidade. Morre rápido. É industrial. Provavelmente, em algum momento, foi um pouco eucalipto. Não sei pra onde costuma ir. Agora está aqui neste espaço de trabalho. Um registro no que é, daquilo que já foi. Carimbo preto e papel. Em dimensões que variam de acordo com o espaço disponível para exposição.



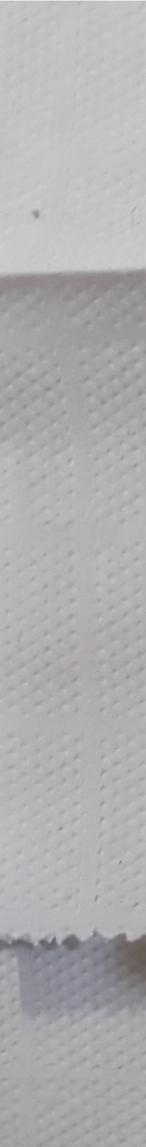


















Chovia lá fora e eu ficava do lado de dentro. Eu tinha medo que, fechando a janela, eu parasse de sentir a chuva. Eu tinha medo de ficar com a sensação de ar parado e que a cidade fosse assim e só: as centenas de janelas dos andares, os milhares de azulejos, os vidros espelhados, as sacadas sem plantas, o cinza, as caixas de ar condicionado para fora dos prédios, o céu tampado de nuvem, o quarto apertado, a lista de coisas para fazer e deixar de fazer. Eu precisava chover lá fora, eu precisava me inundar.

Em calçada molhada, cada passo é um risco de queda. De acordo com o humor se pula poças. De acordo com o humor se pula em poças. Guarda chuvas são esconderijo de olhares e sempre fica a dúvida sobre fechá-los ou não quando se está embaixo de marquise. Árvores são nuvens baixas que mesmo depois da chuva continuam a pingar. No sinal do pedestre fechado mora o perigo da água empossada, do carro que passa e, num susto, molha a pessoa que ia para o trabalho.

A cidade úmida. O trânsito parado. O caminho da gota na janela do ônibus. A barra da calça molhada. O vento frio. O balde debaixo da goteira. O bueiro entupido. A rua alagada. As quedas de energia.

Transbordei. Pensei em rio debaixo de asfalto que não tem espaço para transbordar. Pra onde ele corre? Pra onde eu corro? Se voltasse para o lado de dentro, poderia encontrar segura, mas preferi deixar a janela aberta.

# COLHEITA

Quase tudo que me mantem vem da terra.

A comida de mentira

já existe

vem em plástico

congelada

com datas de validade

impossíveis.

A comida de verdade

ainda existe

pra quem

ainda pratica

os rituais da mesa:

*vai à feira,*<sup>25</sup>

lava, descasca, pica,

se for preciso,

deixa de molho

de um dia pro outro;

transforma o “lixo”

em compostagem;

quando dá, cultiva

e tem paciência

de esperar crescer;

tem paciência de comer

25. Disponível em: <<http://vaprafeira.com/index.html>>

Acessado em: 13 jun. 2019.

um prato colorido

sem assistir televisão

ao mesmo tempo.

Comer não é só

biologia e hedonismo.

Comer é um ato:

agrícola

*[porque requer produção de alimento]*

*cultural*

*[porque ajuda a construir um patrimônio alimentar]*

*ambiental*

*[porque é oferta da natureza]*

*ético*

*[porque animais e plantas merecem uma existência*

*digna]*

*social*

*[porque, ainda, são homens e mulheres que*

*preparam comida].<sup>26</sup>*

Comer é um ato

tão político

que usaram

Revolução

em vários momentos.

26. AZEVEDO, Elaine de. Comer: ato político. Piseagrama, Belo Horizonte, seção Extra!, 17 abr. 2019

Foi Gandhi quem inspirou o povo  
a produzir sal a partir de seu oceano,  
a voltar para  
a cultura e tradição locais  
na Revolução Indiana.  
Foi Fukuoka quem acreditou  
em uma agricultura livre  
de interferência e intervenção humana,  
ganhou tempo para si e fez a  
*Revolução de uma palha.*<sup>27</sup>  
Teve também *Borlaug*<sup>28</sup>  
que criou sementes milagrosas  
mas esqueceu que  
mudar a genealogia das espécies  
é alterar todo o sistema  
em que elas vivem  
e que uma  
Revolução Verde  
não significa  
qualidade de vida  
para o povo.  
Ainda bem  
que as plantas sentem

27. Livro publicado pelo microbiologista Masanobu Fukuoka.

28. Engenheiro agrônomo Norman Borlaug, que desenvolveu técnicas químicas capazes de dar maior resistência às plantações de milho e trigo, além de otimizar os métodos de produção agrícola.

protestam e respondem.  
Já mostraram que  
quando juntas  
ajudam umas às outras e  
crescem mais  
do que em  
canteiros separados,  
gigantescas monoculturas.  
Não sendo possível  
agroflorestas por perto,  
vale plantar couve no quintal.  
E se o caso for apartamento  
dá pra comprar couve  
do quintal do vizinho.  
A agricultura urbana começou aí  
ocupando  
lotes vagos  
latas usadas  
bacias de lavar roupa  
garrafas PET.  
Foi crescer em terras maiores  
hortas comunitárias  
[lembro do dia que

de dentro do ônibus  
eu vi os girassóis  
do *Quintal do São Antônio*<sup>29</sup>  
em plena Antônio Carlos]  
espaços de possibilidades  
conexões com a terra  
o que tiramos dela  
e o que colocamos nela;  
partilha da rua  
na rua.  
Poder ver  
e viver  
práticas de cultivo  
no meio das rotinas  
serve como lembrete:  
1.  
plantas que produzem alimentos  
devem ser conhecidas  
porque comida  
não pode ser  
objeto estranho

29. Rua Francisco Soucasseeux, em frente ao número 11, Lagoinha. Belo Horizonte.

2.

as frutas perfeitas

nos folhetos de supermercados

só existem

nos folhetos de supermercados.

# FARTURA

Esta série com 10 desenhos de observação em grafite sobre papel canson, formato A4, são imagens que, apesar de fazerem parte do cotidiano, podem ser desconhecidas para muitos. São plantas de espécies que produzem alimento: banana, mandioca, mamão, feijão, quiabo, manga, milho, abacate, abobrinha, laranja. O que elas representam? O que o não-reconhecimento delas também pode representar? No consumo de frutas e verduras muitas vezes a imagem “primária” do vegetal é desvalorizada por não fazer parte das plantas de “decoreção” que são delicadas e coloridas. Aqui, essas plantas “in natura” mostram que também são cheias de especificidades e beleza.

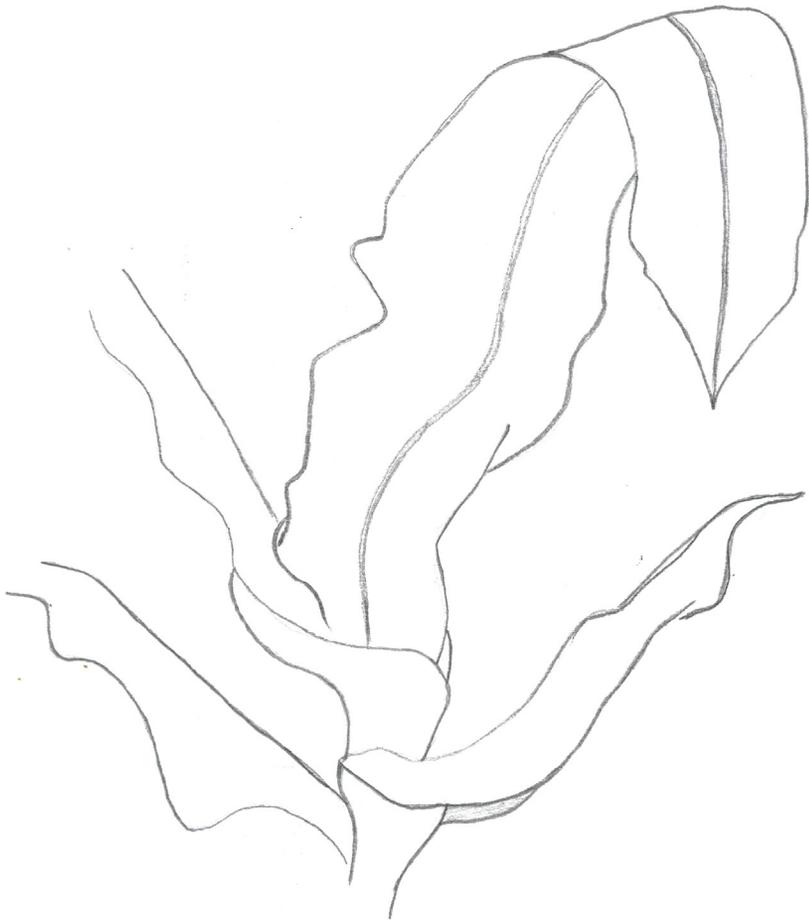














## IV

A história da menina que pisou em terra com 9 anos. Essa aventura de sentir cheiro, um chão meio úmido, meio macio, de pinicar a canela com alguma gramínea. Já tinha pisado em areia de mar mas a densidade era muito diferente. Debaixo de água ninguém enxerga o chão. No meio de mato dá pra acompanhar o caminho da formiga.

Não imaginava que onde andava cresciam batatas e cenouras, que banana tinha umbigo e que galinhas botam um ovo por dia. Não sabia descascar laranja porque já comprava os gomos em bandeja de isopor e sempre achou muito bonito o empilhamento de verduras no supermercado separadas por cores. Se perguntassem de onde vinha o leite que tomava de manhã, responderia rápido que da caixa; a água, da torneira. Não entendia o que era a sazonalidade das plantas ou os cortes de carne.

Os avós são os que mais sabem das coisas da terra. Eles contam casos que duvidamos, ensinam artimanhas para machucados e receitas secretas. Parece que tinham tempo para aprender sobre essas coisas que não se aprende em escola. Moravam em casas com quintal, conseguiam trabalhar, pagar as contas, cuidar de horta, tomar sol, preparar refeições, conversar com os vizinhos. Mas é trabalhoso se conectar com as coisas da terra e muitos avós agora vivem em apartamentos. A menina brincava com o avô de adivinhar onde o sol ia bater dentro da casa

e sempre, antes de dormir, esperava a avó colocar um ramo de erva de santa maria debaixo do seu travesseiro.

Depois de moça foi entender, na sua memória vegetal, sobre aquela experiência de pisar na terra. A mania de ficar descalço devia ter começado ali. Mas na cidade esses lugares quase nunca são feitos para serem pisados porque são espaços de passagem. *Foi Bruna*<sup>30</sup> quem disse que a urgência de todas as coisas nos impede de estar inteiramente de corpo e alma presentes no local. Foi tirando os sapatos e pisando no chão que a menina conseguiu se conectar com os lugares que habitava.

30. MARESCH, Bruna Maria. Terra Rara. Dissertação em Artes Visuais - UESC. Santa Catarina, 2015.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Pequenos agricultores. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 45 - 47, 2013.

AZEVEDO, Elaine de. Comer: ato político. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra!, 17 abr. 2019.

BARROS, Manoel de. O guardador de águas. 6ª ed - Rio de Janeiro: Record, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, nº 19. Espanha: Universidad De Barcelona, 2002.

CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. Tradução para o inglês Valéria Sarsure Pedro Vieira - São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CANÇADO, Wellington. Contra a grama. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 38 - 40, 2013.

GANZ, Louise. Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015.

HAEG, Fritz. Jardins comestíveis. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 30 - 37, 2013.

MARESCH, Bruna Maria. Terra Rara. Dissertação em Artes Visuais - UESC. Santa Catarina, 2015.

MARQUEZ, Renata. Imagens da natureza. In.: Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MASON, Daniel. Cidade de sementes. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 06 - 09, 2013.

RANCIERE, Jacques. Paradoxos da Arte Política. In.: O espectador emancipado/ tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 64.

REGALDO, Fernanda. Jardim produtivo. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 06, página 41 - 44, 2013.

SMITHSON, Robert. Uma sedimentação da mente: projetos da terra. In.: Escritos de Artistas: anos 60/70/ seleção e comentários Glória Ferreira Cotrim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher. A vida secreta das plantas. Tradução de Leonardo Froés. 2ª ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

## REFERÊNCIAS DE IMAGENS

1. Louise Ganz, *Lotes Vagos*, 2005 a 2008.
2. Joseph Beuys, *7000 oaks*, 1982.
3. Robert Smithson, *Floating Island*, 2005.
4. Isabela Prado, *Repaisagem*, 2010.
5. Agnes Denes, *Wheat Fields - A confrontation*, 1982.
6. Rune Bosse, *Tempus circularis Fagus sylvatica*, 2015-16.
7. Laura Lydia, *Ervas sp*, 2010.
8. Thislandyourland, *Cozinhas temporárias*, 2012.



Miolo em papel Edition Creme 140g.  
Capa papel Paraná 2mm.  
Fontes Oswald e Droid Sans.  
Diagramação Sérgio Salomão e Sophia Carvalho.  
Outono/2019

